

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

PREDITORES DO ESTIGMA DO AUTISMO EM UMA AMOSTRA BRASILEIRA

*Alisson Júnior Bueno Nascimento Alves
(alisson.alves030@academico.ufgd.edu.br)*

Ana Gabriela Rocha Araujo (agra1405@gmail.com)

Jonatan Dos Santos Franco (jonatansantosfranco@gmail.com)

Regina Basso Zanon (reginazanon@ufgd.edu.br)

O estigma é um fenômeno complexo que pode envolver preconceito, exclusão e estereótipos negativos. No contexto do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), pessoas afetadas enfrentam discriminação e barreiras sociais. Os estigmas afetam indivíduos e seus familiares, podendo acarretar em prejuízos na qualidade de vida e saúde mental. Diante disso, o objetivo do estudo foi investigar os preditores que possam influenciar no estigma público, autoestigma e estigma afiliado em uma amostra de estudantes universitários brasileiros. Foi um estudo exploratório e quantitativo e parte de um projeto maior sobre neurodiversidade, estigma e autismo. A amostra consistiu em 532 participantes. Foram utilizados questionários para coletar dados sociodemográficos e medir atitudes em relação ao autismo. A análise de dados incluiu estatística descritiva, diferenças nas médias dos grupos e regressão múltipla. Os resultados foram analisados usando modelos lineares generalizados, com as variáveis independentes sendo o ensino formal sobre pessoas com deficiência e inclusão e a categoria de grupo ([1] participantes autistas, [2] tem familiar ou amigo autista, [3] não conhece nenhuma autista), e a variável dependente sendo a média das atitudes em relação ao autismo na escala. Os resultados indicaram que não existe efeito significativo ter cursado matérias relacionadas ao autismo e inclusão sobre os escores na escala de estigma e as médias de cada grupo em relação a escala de estigma não apresentaram diferenças significativas entre elas. Portanto, as hipóteses de

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

que cursar disciplinas sobre inclusão e diversidade estariam relacionadas a uma postura menos estigmatizante e de que pessoas no espectro do autismo apresentariam menos estigma não foram confirmadas. No entanto, os níveis de estigma foram baixos em todos os grupos estudados. Os resultados sugerem que as políticas públicas brasileiras de saúde e educação, bem como o conhecimento divulgado sobre o autismo, podem ter contribuído para o baixo nível de estigma na amostra.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).